

Canto a los muertos, a los deberes y a los ideales

Canto aos mortos, aos deveres e aos ideais.

Para a Sra. Dona Eloísa Navarro Ledesma de Cubas.

O triste adamita¹ passa em abjeção pela vida arrastando-se a si mesmo de malgrado: vai carregado de dores e labores, e mais que carregado vai rendido sob a gravidade de um perene desencanto. As ilusões, as esperanças se lhe caíram, como guizos mal sustidos, na primeira jornada. Segue fazendo caminho como animal surdo, mercê dum impulso escuro, cego, impessoal. Um dia, entre o Sol que sai e não sai, chega sobre ele uma noite definitiva: sente-se abismado num descanso escuro, cego, impessoal. "Bebiotai! Bebiotai!", esse viveu, esse viveu — diziam então os gregos. Os amigos creem por um momento que são deixados sós: choram, à luz dum mesquinho Sol roxo lançam uns punhados de terra santa sobre o resíduo carnal, e logo se enxugam as bochechas. Por fim, advertem que o fenecido transpusera suas memórias, como nuvem no horizonte.

A história, por irremediável e velha, não nos interessa — dirá algum. Velha certo que o é, satânicamente velha, mas irremediável...?

Os grandes povos nasceram entorno das cinzas de seus mortos: Egito, Grécia, Roma formaram-se na religião dos defuntos: a energia dessas raças irradiava das urnas cinerárias, que na penumbra secreta dos lares andava latente em modo místico como corações imortais.

Os mortos não morrem por completo quando morrem: por largo tempo permanecem, largo tempo perambula por entre os vivos, que os amaram, algo incerto deles. Se por esta razão respiramos a plenos pulmões e abrimos as portas todas de nosso sentimentalismo, os mortos entram dentro de nós, fazem em nós morada, e agradecidos, como só os mortos sabem fazê-lo, deixam-nos em herança a prenhe aljava de suas virtudes.

Uma conjunção de venturosas circunstâncias tem feito a alguns homens imortais; mas não quer isso dizer que não devam sê-lo também outros. Em todo ser há uma virtude, quando menos, que tem direito à imortalidade. É injusto e imoral perguntar de um morto somente: Que fez? Deve-se perguntar também: Quem foi?

Este é precisamente o labor religioso imposto aos que conheceram e sentiram o ardor espiritual de alguns homens mortos fora do tempo e cujos esforços, corruptos por um error da sorte, permanecem eternamente projetados sobre o vazio como arcos incompletos, como imagens frustradas em que as linhas não se cumprem, as aduelas não se unem e se erguem os plintos sem estátuas.

Assim morreu Navarro Ledesma ao começar seu labor construtor; aí está o bloco de mármore branco, sobre este deu a inspirada mão alguns golpes de cinzel; umas confusas linhas marcam suspeitas de figuras poderosas, de braços com músculos estendidos, de torsos egrégios, de rostos sugestivos e enigmáticos. Porém o escultor está morto: a obra múltipla, profunda, sincera, educadora, evangélica, ora jaz para sempre inexplicada, perdida entre os pretos grãos de massa indiferente; então sobre esse mundo novo que ia a surgir cai a única maneira irremediável de morte: aquela de quem cai sem jamais nascer.

Dentro de alguns anos talvez pareça confuso a uma nova juventude tudo isso de que hoje lançamos algumas flores de lembrança entorno da memória de Navarro Ledesma. Sua obra, esparsa por todos os ventos em forma de escritos periodísticos, não é sua obra: aquele que queira sobre essas páginas compostas sem tempo, sem esperança e sem liberdade, erigir um juízo, comete uma injustiça. O tempo, a esperança e a liberdade são os três demiurgos que os intentos elaboram do poeta, e os três faltaram totalmente a Navarro Ledesma por uma conjunção de adversas circunstâncias.

Na história do pensamento aparecem ao melhor nomes antes os quais mostraram grandes respeito seus contemporâneos, mas que não deixaram obra sobre que nós outros possamos hoje reconstituir definidamente aquela alma venerável. Seja um exemplo Sócrates. Mas que coisa foi Sócrates? E vede o que temos de responder: Sócrates foi Platão e Xenofonte, Sócrates é um pouco de todos nós, que desde há vinte séculos vamos nascendo com alguns acordes socráticos dentro da harmonia equívoca de nosso espírito. Mas para nós outros, Sócrates é uma ideia que nos ensinou Platão, ao tempo que para este divino filósofo, Sócrates foi uma aventura. Melhor ainda: a aventura, aquele momento da vida individual que polariza, que cristaliza em forma decisiva o resto dessa vida individual.

Navarro Ledesma foi minha aventura. Tu, senhor leitor, lerás esta frase com indiferença, mas é que talvez não saibas floreios de abrolhos e de amarguras, que respiradouro de inquietudes, que cúmulo de anelos dolorosos, de dúvidas, de vacilos desesperados, de ambições impossíveis, constituem isso que chamaríamos a alma de um espanhol de vinte anos. Se o ignoras, nobre respeito te peço ante uma coisa que é para ti um mistério, e prometo que qualquer vez o tentarei iluminar.

Navarro Ledesma foi para mim uma aventura, porque coexistiam nele junto de uma agudíssima e incansável ideação as duas mais altas virtudes modernas: o cumprimento dos deveres escuros e o imarcerscível idealismo.

Conforme vai o homem vivendo mudam-se seus pensamentos, quebram-se seus projetos, outros entram em seu lugar, chegam e passam bramindo as paixões, alterando-se mil vezes as ambições, morrem os amigos e os irmãos, sobrevivem outros amigos e outros irmãos, tudo se estremece e oscila, transmuda-se e foge, renova-se e troca. Entanto uma só realidade permanece, uma só coisa está sentada tacitamente ao nosso lado e se caminhamos via faz com nós outros: o Dever, pardo, personagem vulgar sem história. Entanto que fora e dentro de nós sem cessar tudo muda, temos de cumprir com o nosso dever. Que dever? Esse belo dever de conquistar um reino, de fundar uma religião, de dizer

1 Como se chama aos seguidores do adamismo, antiga seita herética, em que os sequazes surgiam nus em reuniões públicas dissimulando a primeva inocência de Adão.

uma verdade atrevida? Não, não: esses são chamamentos únicos com que Deus afaga alguns homens e que no fundo os ensoberbecem. Falo do dever anônimo, do dever trocado em quartos, aquele deste instante que está diante de nós e aquele de todos os instantes. É esse dever sem flores e de frutos invisíveis, esse dever abrigado que forma o mais profundo sedimento sobre o qual se apoia todo o esplendor da vida social: o dever do trabalho. Navarro Ledesma, que intelectualmente dera a volta de todas as quintessências enfermas ou sábias da nova moral, cumpriu sabiamente, um dia e outro, com esses deveres escuros. Aqui tereis um exemplo de uma das sublimes virtudes democráticas. O antigo e conhecido campo do Dever é o lugar de lida e de façanhas para os modernos cavalheiros, e cumprir esse passo honroso da Obrigação, a mostra certa de virilidade moderna.

Há quem espere entrar no combate quando o rei está defendendo; há quem precise para escrever, como Buffon, alguns tragos de encaixe; há quem, como Ariosto, aquele filósofo galante que dissertava unicamente quando o levavam numa liteira. Há, em troca, quem trabalhe sempre que é preciso, donde queira e como queira.

Chama-se idealismo imarcescível à outra virtude que possuía eminentemente Navarro Ledesma. Tu, senhor leitor, bem sabes, não é certo, o que é um ideal? O mundo é como é: nós outros quiséramos que fosse de outra maneira, e nos apressamos por lográ-lo. Os homens são injustos; nós cremos que a justiça deve fazer entre os homens seu firme ninho de cegonha. Nós espanhóis somos fanáticos: tu e eu cremos que os espanhóis devem ser tolerantes. Ao mundo que é nos contrapomos um mundo que deveria ser. Sobre a realidade trabalhamos para fundar a idealidade. Este estado de ânimo em que a idealidade acha sempre amorosa ressonância é o que chamo idealismo. A mocidade é sempre idealista: nela o idealismo é fisiológico e tem escasso mérito. Porém todos os alentos nobremente excessivos por coisas ideais costumam esgotar-se antes dos trinta anos em raças cansadas e mulherengas como a nossa. A vida é, antes de tudo, uma faina de domesticação e de poda das ilusões; mas, por o mesmo, é preciso entrar por ela com pasto abundante de que se coma, como é preciso em quase todas enfermidades entrar roliço para que algo reste enfim. Uma injustiça suscita em um moço indignação, em um velho, nostalgia da indignação.

Navarro Ledesma sofrera muito, moral e fisicamente: sua mocidade se tinha submergido em um labor incessante e rigorosíssimo. Por isso, tendo-lhe faltado a juventude ardorosa, passional, turbulenta, conservou durante toda a vida uma juventude mais quieta, mais harmoniosa, mais de clara fonte risonha, pausada e fresca; manteve-se sempre capaz de indignação e de entusiasmo; teve, enfim, até a morte, sobre seu rosto largo e fortemente assentado nos ombros essa terna expressão com acentos melancólicos que se conservam no olhar das velhas virgens.

Que se nos esmaltem as desventuras de vidro, como ao que se tem por sábio, e não queiramos mover-nos para quebrar-nos. De ordinário, na dita experiência, mais que aprender novas verdades aprendemos o esquecimento dessas difíceis verdades eternas que nos impulsionam à guerra santa contra a realidade. Por isto surpreende falar algum homem em quem, sítio de largos anos de dor, perdure a exaltação idealista, a segunda virtude democrática, girondina. Nietzsche teria chamada a Navarro Ledesma como a si mesmo chamara: “Argonauta do ideal”.

Não reduzamos os mortos às obras que deixaram: isto é ímpio. Recolhamos quanto ainda resta deles no ar e revivamos suas virtudes.

Ressuscitemos os mortos virtuosos dentre os mortos!

El Imparcial, 14 de setembro de 1906.